

01-02-2024

**SORRIA.... X****Benjamim Pereira Vilela**

[Professor Instituto Federal de Goiás - Doutorando UFJatá -  
Grupo de Estudos e Pesquisas “Espaço, Sujeito e Existência”]

Quando criança minha mãe fazia questão de sempre reunir os filhos para mostrar as fotografias guardadas num armário de madeira fabricado no início do século XX. Eram fotografias reveladas em papel adequado. Junto a elas havia também diversos monóculos coloridos. Vermelho, verde, amarela, azul, laranja formavam a aquarela imagética da minha mãe. Algumas imagens eram de lugares, como do parque Anhangabaú, Praça da Sé e Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Também havia vários cartões-postais. Meu pai se aventurou, no final dos anos 1940 e início de 1950, a cantar. Nesta época ele viajou por vários lugares do Brasil com sua dupla chamada “Nuvem Negra e Panami”. Por conta de trajetória como cantor, sempre que chegava em algum lugar tratava de conseguir um cartão postal. As demais fotografias eram de situações marcantes. Eventos ou confraternizações familiares; ou mesmo de situações cotidianas como a visita de um parente que tinha máquina fotográfica. Algumas nos mostravam quando criança dando comida para os porcos e para as galinhas; outras mostravam o meu pai empunhando armas de fogo e artefatos para pescaria em momentos de lazer; outras nos apresentam em pose tradicionais. Mas um fato era marcante nessas fotografias: em nenhuma delas as pessoas estavam sorrindo. Ao contrário do que ocorre nos dias atuais. Talvez pudéssemos concluir: antes havia a fixação da imagem como recurso histórico; agora, a pose e a performance nos colocam como propagandistas de nós mesmos. Está aí o conflito entre o real e o hiperreal. Essa constatação me fez fazer uma reflexão dos motivos pelos quais quase não existiam sorrisos nas fotografias. A primeira hipótese que pensei foi o fato de que no passado a maioria das pessoas tinha a dentição apodrecida ou mesmo desalinhada. Mas fiquei em dúvida, visto que era comum a todas as pessoas fotografadas, pobres e ricas. Talvez não fosse esse o motivo. Também levantei a hipótese que os sorrisos poderiam ser radicais e indecorosos para a época. Lembro de Umberto Eco no livro “O nome da Rosa” narrar uma cena em que um clérigo se opunha contra o sorriso de um cristão. Na época rir era concebido como coisa de loucos e do diabo. Mas as minhas dúvidas perseguiram: os registros fotográficos guardados pela minha mãe ocorreram no momento da revolução sexual e cultural. Entretanto, os resquícios dos valores conservadores poderiam estar arraigados no modo de vida dos meus parentes. Talvez o jeito teso e reduzido da aparição das pessoas era uma herança dos aristocratas europeus de séculos anteriores.

Havia a consideração que sorrir com os dentes expostos era uma expressão obscena, uma marca dos comediantes, bêbados e das classes sociais empobrecidas. Autores como Manini apontam o seguinte: a influência das artes com representações sérias e sisudas, também característica dos retratos pictóricos, era compatível com valores sociais da época. Por isso, o sorriso estava exilado das fotos. Outro aspecto é o fato de que a fotografia era um momento simbólico importante, visto que era difícil uma pessoa ter uma máquina como uma canoflex, polaroid, Rollei Flex, Kodak, pentax etc. Então tirar uma fotografia se tornava um evento marcante para as famílias.

O processo era complexo. Depois de tirada a foto, era necessário fazer a revelação do filme em estúdio. Tudo complexo. Assim, ter uma fotografia não era um ato simples e comum para muitas pessoas, mas algo extraordinário. O antropólogo Berthold Laufer em seus trabalhos nas décadas de 1920 e 1930 procurava registrar as emoções ao invés das poses. Isso marcou o início das mudanças do paradigma fotográfico e o modo como as suas representadas ocorreu.

Com o advento das câmeras digitais dos celulares inteligentes, o modo de lidar com as fotografias ganharam atributos simbólicos diferentes. As pessoas registram tudo. E o sorriso está presente em boa parte desses registros fotográficos. Em muitas situações as pessoas mesmo estando tristes ou infelizes, artificializam um sorriso para aparecerem “bem na fita”. Essa condição se tornou corriqueira em todos os lugares. Um amigo, vendo essa situação, esbravejou:

**“as pessoas não querem viver, querem apenas tirar fotos”.**

O sorriso virou uma marca das fotografias ou selfie. As hipóteses para esta condição são várias, uma delas é a de que as pessoas buscam cada vez mais mostrar uma realidade inexistente de suas vidas. Estão sempre querendo dizer que tudo em sua vida é colorido, alegre, cheio de vida. São essas mensagens que são mostradas em suas redes sociais e status de mensageiros; a outra hipótese é de que ficou mais fácil construir a autoimagem e conseqüentemente aumentar a exposição pública nas redes. Os impactos desse movimento de sorrisos e mais sorrisos, bem como de uma exposição pública deliberada e aberta pode trazer conseqüências sociais, como o cyberbullying ou mesmo a utilização indevida da imagem da pessoa em eventos de violência e perversidade. Problemas psicológicos resultam negativos como a interferência na autoestima. Em muitos casos, as pessoas que se apresentam sorrindo nas fotografias estão engolidas pela angústia, pela ansiedade e por várias fobias.

Muitas estão imersas em processos de adoecimento, como depressão, distúrbios de personalidade; borderline etc. Tudo certo.

**Podemos perguntar: mentirmos como o nosso sorriso.**

**Mas sorrir é sempre algo libertador. Vamos sorrir.**

■ ■ ■